

"AMBIENTE E ECOSISTEMAS DA PRÉ-HISTÓRIA DO NORDESTE BRASILEIRO"

A.F.G. Laroche

da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A experiência adquirida em 18 anos em pesquisas arqueológica nordestinas, modificou nossos processos de trabalho. A aplicação das teorias de pesquisas e metodologias de campo, foram aos poucos adaptando-se ao ambiente. Sob a pressão dos conhecimentos que vem se acumulando adquirimos uma sistemática própria, assim, nos evadimos do acadêmico formal, que orientou nossos primeiros passos. As ciências aplicadas, que nos últimos dez anos invadiram a Arqueologia, contribuíram para as interpretações.

Durante os estudos, duas metas principais foram objeto de nossas preocupações científicas. A primeira, pesquisar a antiguidade das presenças humanas no Nordeste Brasileiro. A segunda, estabelecer uma classificação cultural para as etapas das tecnologias dos grupos humanos que viveram nas épocas antigas no Nordeste do Brasil.

Sendo assim, conjuntamente com a minha colaboradora, Professora Adjelma Laroche, depois de estabelecermos uma sùmula das evidências coletadas, propusemos em nossa monografia, "Um Sítio Epipaleolítico Microlítico do Nordeste Brasileiro", uma esca'a cronológica cultural, que está sendo atualmente discutida como hipótese do trabalho. No sentido de reforçar nossa opinião atual, passamos a apresentar os seguintes argumentos explicativos.

Tentamos várias vezes aplicar em nossos estudos a classificação americana de Wormington, que divide a pré-história americana nos períodos: líticos, arcaico, formativo, clássico e post-clássico. Verificamos, entretanto, que essas divisões não podem enquadrar satisfatoriamente os acontecimentos culturais de nossa região nordestina.

Na própria América do Norte, os períodos arcaicos e líticos não são bem diferenciados, nem definidos. Tais expressões que pretendem dividir dois grupos de caçadores, sendo um de megafauna propriamente dita e outra da caça de todas as espécies animais, incluindo na sua dieta a pesca e a coleta, são taxinomias que, quando bem considerados os vestígios arqueológicos sobre os quais elas se apoiam, parecem vacilantes e pouco expressivas, apenas positivas, pelas unidades líticas que elas contém, sendo a nosso ver, comprovações de sistemas econômicos, mais ou menos idênticos, pelas proteínas, e cujas origens dependem apenas do acaso.

Por outro lado, compreendemos perfeitamente os sentimentos de certos pesquisadores americanos, que tentam dilatar esses períodos líticos propondo outras divisões, tais como "arqueolítico" e "cenolítico", uma vez que o aparecimento do homem no Novo Mundo apesar das descrenças gerais tende a envelhecer cada vez mais.

Quanto ao restante da classificação americana de Wormington, formativo, clássico e postclássico, somos solidários com a opinião do Prof. Leroy-Gourhan, que afirma estarem sujeitas à severas críticas, por usarem parâmetros diferentes, sendo portanto incoerentes.

Diante dessas confusões culturais, deixamos de incluir os nossos caçadores nômades nordestinos (Trad. Itaparica), contemporâneos da megafauna de Bom Jardim, nos períodos americanos "lítico ou arcaico", porque o material arqueológico encontrado em Bom Jardim, é mais parecido com os equipamentos do Paleolítico Superior Universal e do Mesolítico, que recobrem culturas de caçadores da fauna generalizada (extinta ou ainda permanente), além de referir-se à pesca e às coletas de nozes, as sementes ou raízes. Esses equipamentos compreendem tipos sobre lâminas, foliáceos lanceolados triangulares, raspadores em leque, buris. A denominação epileolítico proposta para esse grupo de Bom Jardim, baseia-se no microlitismo acompanhante.

É verdade que a denominação época "Mesolítica", é mal definida no Universo, e que ela não se aplica objetivamente à todas as regiões. Porém o que lhe dá um certo caráter mais exato em Bom Jardim, é sobretudo a quantidade do microlitismo. Podemos, através das tabelas cronológicas ligadas as estratigrafias, acompanhar nestes sítios, sua evolução e geometrisação morfológica, que penetram até nosso neolítico (admitimos que o tivemos em início desde 3.000 anos, com o advento da cerâmica nesses territórios).

Tudo indica que podemos aceitar a escala cronológica proposta no Sítio Arqueológico do Chã do Caboclo. Pensamos aliás, que ela já está confirmada em outros sítios nordestinos. Estamos baseados sobre 93 datações pelo C 14, coordenadas com dados estratigráficos, conseguidos neste Nordeste.

As variações dos paleoclimas na região foram responsáveis pelas mudanças econômicas que, por sua vez, provocaram alterações nos equipamentos líticos dos grupos humanos, que procuraram se adaptar às novas condições da vida, já que outros, diante do sucedido, emigraram, tentando reencontrar em paragens distantes, suas condições habituais de vida.

A data mais antiga encontrada em Bom Jardim para a Tradição Itaparica, pela radiometria, é de 11.000 anos B.P. (fim do Pleistoceno). O equipamento lítico do grupo nessa época é caracterizado sobretudo pelas pontas, seja 69% do acervo lítico, que por sua vez, define bem um povo caçador, tanto da megafauna, como de animais menores, além de ser pescador e coletor. (No equipamento do grupo não se encontra pedra polida). Essa Tradição Itaparica, - representada no Município de Bom Jardim pela Sub-tradição Bom Jardim, caracterizando-se sobretudo pelos tipos líticos-laminares.

Nos Sítios da Lagoa da Casa e Pedra do Caboclo, Bom Jardim, tais artefatos de pedra lascada estão coexistentes com ossos fósseis da megafauna, inclusive Prosboideos.

O município de Bom Jardim, situa-se numa região ecológica homogênea.

Trata-se de uma zona agrestina, isto é, sertão e mata em contubernio, regada por numerosos pequenos cursos d'água. Os relevos acidentados não alcançam mais de 600 metros de altitude, agrupados em cordões de serra, entremeados de extensos vales. Os cumes apresentam-se em formato de chãs. Por toda parte, veem-se rochas metamórficas, blocos em caos, que abrigam furnas e cavernas. A flora é halófila e ripoxerófila, com sistema radicular desenvolvido e penetrante, a pluviometria cifra de 700 a 800 mm anuais.

O material lítico coletado na superfície e em estratigrafias neste município, provém frequentemente das cavernas dos lajedos em elevações ou nas encostas. O enchimento dos cortes estratigráficos é composto de depósitos detríticos coluviões ou mesmo aluviões. Esses enchimentos raramente alcançam 1,50 m de profundidade. As camadas pelos aspectos, apresentam pouca diferenciação na textura e na cor.

As escavações á ceu aberto, nos chãs ou tabuleiros, foram quase todas praticadas em terrenos ricos em óxidos ferrosos ou lateríticos, os estratos são de fraca espessura.

Nos cumes das elevações, notam-se intenso desgaste do solo, pela erosão agressiva dos depluvios ou da eólica que provocam às vezes, o afloramento de artefatos líticos arcaicos. Nos estratos do sub-solo, vêem-se os efeitos das hidratações e oxidações interrompidas e renovadas abruptamente ou progressivamente, em épocas diferenciadas, relacionadas a tipos climáticos ou regime hidrotico. As bases quando alcançadas são de granitos ou de migmatites. Encontram-se frequentemente nos estratos bolsões de quartzo.

Em lagoas pleistocênicas, onde houve depósitos de fósseis da fauna extinta, (sítio de Lagoa da Casa, Bom Jardim), o material lítico, e os ossos dos animais são encontrados em conglomerados sólidos, formando um assoalho sub-jacente às camadas de lama grossa e fina. Os restos de magatérios, encontrados ali, estão ainda em estado sub-fóssil, com o diplôe bem aparente e conservado, sugerindo idade relativamente recente. As espessuras das camadas de lama atingem apenas 1 metro. Não foi possível testar completamente a profundidade dos conglomerados, que vão além de 1 metro.

No território do sertão do Rio Grande do Norte, na região sertaneja de São Rafael, nos defrontamos com uma paisagem árida e xerófila, com plantas de aculeos. A pluviometria é de 400mm anuais, com temperatura que alcançam 40° à sombra. Os solos são arenosos, calcáreos lateríticos, com justaposição de camadas, frequentemente detríticas de pouca espessura repousando sobre conglomerados de calcário argiloso. A 1,50m de profundidade, se assinalaram lâminas de sílex bem lascadas. Flutuações do clima são visíveis, especialmente na região de Angicos, onde escavamos em areias de depósitos aluvionários, repousando sobre conglomerados fluviais provavelmente anetomados.

As pesquisas no Rio Grande do Norte, são ainda demasiadamente recentes para formar uma opinião generalizada, quanto aos acervos líticos deste Estado. Artefatos líticos de grande beleza, de um tipo foliáceo e que evoca pontas de Clóvis, chegaram ao nosso poder, mas não foram conseguidos em estratigrafias.

As pesquisas realizadas em terras baixas, (vales do rio), tanto em Bom Jardim, como no Rio Grande do Norte, não alcançam idades superiores a 4.650 anos B. P. Neste último Estado, a data mais antiga conseguida atinge 3.339 anos B. P., ela se reporta a

uma fase microlítica, do tipo miniatura das mais interessantes. Nos sedimentos detríticos dos serrotes escarpados que margeiam o rio Piranhas-Açu, assinalam-se presenças humanas bastante antigas, porém não foram ainda testadas. Nas margens propriamente ditas deste rio, as ocupações pelos paleoíndios, parecem pertencer quase todas ao período neolítico-cerâmico. A natureza do material lítico prospectado neste setor fluvial induz à pensar que tais localizações foram alvo de sérias disputas por pequenos grupos humanos, cuja dieta alimentar devia depender da ecologia deste curso d'água.

Não sabemos exatamente qual era o palco ecossistema dessas regiões Nordesteiras entre 11.000 B.P., e 6.000 anos B.P., já que até a presente data, não conseguimos análises completas do polen, porém os geólogos estão de acordo para admitir, uma considerável baixa de temperatura acompanhada de transgressões marítimas. O nível do mar há 11.000 anos B.P., estaria à cerca de 80 metros abaixo do atual.

Tal acontecimento colocou a seco durante milênios toda a plataforma marítima, portanto a Serra do Mar em terra firme. As costas do nosso país, deviam se estender a mais de cem milhas dentro do Oceano Atlântico. Em terra firme somente podiam existir matas rasteiras, com extensas savanas e taboleiros, onde pastavam os grandes animais herbívoros, (hoje em dia extintos; megatérios, elefantes, etc.). A faixa costeira descoberta pelo mar, deve ter franqueado novos caminhos para migração dos grupos préhistóricos.

As pesquisas de campo, revelam quanto eram numerosos os animais da megafauna. Para o Nordeste, principalmente, Pernambuco e Rio Grande do Norte, estamos de acordo com o falecido e venerado mestre, Dr. José Nunes Cabral de Carvalho, paleontólogo ex-diretor do Museu "Câmara Cascudo", que afirmava que o desaparecimento dos animais da megafauna, deve ter ocorrido no Nordeste entre o quinto e sexto milênio, época da extinção das pastagens e de consideráveis chuvas, com alterações climáticas de temperaturas elevadas consequentemente de máxima expansão da Floresta Atlântica, que então se alastrou e penetrou de sertão à dentro. Essas mudanças foram constatadas na geomorfologia e nas estratigrafias de Bom Jardim, coligadas às mudanças de tecnologias líticas que se sucederam; elas são palpáveis e visíveis, identificando a inovações de uma época de indústria lítica para fabricação de peça em madeira. Nesses tempos, no Nordeste, constata-se evidências de habitações à céu aberto, em campos rasos. Livres da megafauna, os paleoameríndios abandonaram suas moradas estratégicas, nas furnas e cavernas, e desceram das posições elevadas, para vir habitar as margens dos rios e outros lugares propícios. A fase lítica que retrata esses acontecimentos encontrada em Bom Jardim em 1974, chama-se "Passassunga", composta de artefatos em lascas espessas poliédricas, quase todas destinadas ao aparelhamento de peças de madeira. Aqui no Rio Grande do Norte, podemos achar essa Fase nos Sítios de Angicos e Mutamba II, (este no vale do rio Açu), sendo as tipologias líticas bem reconhecíveis.

É muito interessante, acompanhar através das ocorrências estratigráficas, as modificações pelas quais passaram os artefatos líticos devido às pressões exercidas por mudanças de ecossistemas. A transformação das pontas foliáceas, se apresenta como um exemplo dos mais edificantes. Elas eram originariamente lâminas finas, (unifaces ou bifaces) compridas, muito penetrantes, destinadas à caçadores de animais de grande porte. Com o decorrer dos tempos, nota-se que elas estão sendo transformadas em lesmas e raspadores. Entretanto, podemos ver o sentimento tradicional do paleoameríndio, conservando na sua indústria, as formas típicas herdadas dos seus antepassados, abandonando-as apenas, quando convencido que para uma nova serventia, as mesmas tornaram-se dispensáveis. E assim as pontas foliáceas, tornadas peças foliáceas, passam de armas, a categoria de ferramentas espessas e grosseiras, vão aos pouco perdendo a forma de folhas, e os retoques nas faces, e no decorrer dos tempos não serão mais do que lascas amorfas apenas, com um gume capaz de raspar ou cortar. Na caça, (de uma fauna modificada), elas são substituídas por micro-pontas, armaduras de pequenos projéteis provavelmente impulsionalizados à sopro, ou também por pontas fabricadas em madeira. Sendo os grupos da Fase Passassunga os sucessores da Tradição Itaparica, isto é, os herdeiros dos caçadores da grande fauna, passaram portanto do nomadismo para

uma vida sedentária construindo os primeiros aldeamentos. A intrusão nesses territórios da Fase Paquevira, por volta de 4.650 anos B.P., modificaria mais uma vez a tecnologia dos equipamentos líticos, com o surgimento da época mista da pedra lascada e picoteada. Tudo indica, sobretudo pelo volume e peso desse novo equipamento, que se trata da chegada de um povo de estatura mais desenvolvida. Os dois grupos entram em aculturação na data acima referida, conforme relato na publicação "Contribuição para Arqueologia Pernambucana", Recife, 1977 — página 110. Podemos ser levados a pensar que a fase Paquevira, aculturada com a Passassunga, foram as responsáveis pela introdução da cultura de plantas silvestres, (espigas de milho primitivo encontradas nas cavernas em estado subfóssil em Bom Jardim), o que pode assinalar uma agricultura incipiente.

Temos boas razões para acreditar que os grupos Passassunga e Paquevira deram início há 2.800 anos passados a era da cerâmica e a agricultura, em Bom Jardim, surgindo assim um avanço importante no progresso cultural. Se assim for, a linhagem aculturada dos grandes caçadores da megafauna, chega atingir os tempos históricos.

Durante as alterações líticas, o microlitismo permanece íntegro e até em progresso, ele irá através de novos procedimentos de encabamento garantir a evolução técnica lítica, alcançando o último milênio.

O motivo da extinção de megafauna, tornou-se um problema que preocupa muitos estudiosos. Teria a mesma desaparecido com o término das pastagens? Ou pelas caçadas humanas? Pode-se constatar que os ossos fossilizados desses animais, são quase sempre encontrados em poços, ou lagoas, e aqui no Rio Grande do Norte, em cavidades rochosas chamadas "Tanques".

Portanto, tivemos no Nordeste, entre seis e onze mil anos passados, um período de frio, com ecossistemas de pastagens e raras florestas, uma fauna de grande porte, paleo-ameríndios caçadores nômades, com equipamentos de pedra lascada em lâminas.

Com o decorrer dos milênios, elevando-se a temperatura (1) que deve ter atingido seu ponto máximo ao quinto milênio, toda a bioma se alterou sumiram-se as pastagens e as grandes herbívoros. Entrou então com as chuvas, e calor intenso e as florestas a idade que chamamos da madeira, que pelas observações feitas em Bom Jardim teve duração até cerca de 2.500 anos B.P., (época da regressão das florestas costeiras e o ressurgimento do tabuleiro). Porém, os animais da grande fauna já estavam todos extintos, desde do início dessa Alti-terral, permaneceu apenas a fauna atual.

Nos Sítios Arqueológicos Nordestinos, de 11.000 anos até os tempos históricos, depreendem-se de nossos estudos e datações, quanto as principais alterações técnicas líticas, que as mesmas podem se aplicar a todo o complexo nordestino.

A época do chamado "Pequeno Pluvial", não apresenta nas estratigrafias grande marcação ou clareza ecológica. Nesse Nordeste deve ter ocorrido entre 2.000 a 3.000 anos, apenas um frio seco, mais que provocou o reaparecimento de tabuleiros e algumas migrações das tabas ameríndias locais. De 2.000 anos para cá, o ambiente e clima não mudaram, a não ser pelas alterações trazidas na colonização.

Os eventos acima descritos, estão é claro, sujeitos à alterações que podem resultar da ampliação da pesquisa. As datas foram obtidas pelo C-14, e por informações sedimentológica ou geomorfológicas. Todas as deduções apresentadas provêm do estudo da documentação disponível.

1 — Com essas alterações ocorreram movimentos eustáticos importantes, os autores colocam o nível do mar nessa época a três metros acima do atual.

NOTA — As datações do refugio arqueológico coletado em nossas pesquisas foram realizados pelo Centre Scientifique de Monaco, por intermédio do Prof. Jean

Louis Rapaire e pelo Laboratório de Física Nuclear aplicada da U.F.BA. sob a orientação do Diretor Jean Marie Flexer, demais exames, sendimentos etc. são colaboração do ITEP—Recife.

BIBLIOGRAFIA

- CALDERON V. (1969) — "A fase Aratu no Recôncavo e litoral Norte do Estado da Bahia". In: Programa Nacional de Pesquisa Arqueológicas. Resultados preliminares do terceiro ano 1967-1968. Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi. Belém, 13, 161-72.
- LAROCHE A.F.G. (1969) — "Nota prévia sobre um abrigo funerário do Nordeste Brasileiro". In: Universitas Rev. Cultura. Univ. Fed. Bahia. Salvador, n.º 3-4. Maio. Dezembro de 1969. 73-85.
- (1970) — "O Sítio Arqueológico da Pedra do Caboclo". Relato de uma pesquisa na zona do Agreste de Pernambuco. Gov. Pernambuco, Sec. Educ. Cultura. Dep. Cultura, Recife.
- (1973) — "Uma Pesquisa de salvamento arqueológico na caverna funerária do Angico-PE". In: "Universitas". Rev. Cultura. Univ. Fed. Bahia. Salvador. N.º 14, jan. abril. 1973, 99-120.
- (1975) — "Contribuições para a pré-história pernambucana", Gov. Pernambuco. Sec. Educ. Cultura. Gymnásio Pernambucano no ano do seu Sesqui-centenário. Gab. Hist. Nat. Recife.
- (1976) — "Les Industries à pointes de jet de Bom Jardim". Comunicação inédita ao "IXº Congrès des Sciences Protohistoriques Univ. Nice. 13-18 Setembro 1976, França.
- (1977) — "Contribuições para a Arqueologia Pernambucana". Os Sítios Arqueológicos do Monte do Angico-PE. Gov. Pernambuco. Sec. Educ. Cultura, Gymnásio Pernambucano. Gab. Hist. Nat. Recife.
- LAROCHE A.F.G., A. Soares e Silva, J.L. Rapaire (1977) — "Arqueologia Pernambucana C 14." Governo do Estado de Pernambuco. Sec. de Educ. e Cultura. Gymnásio Pernambucano, Recife.
- LAROCHE A.F.G. (1980) — Um Sítio Epypaleolítico microlítico do Nordeste Brasileiro. inédito.
- O Sítio arqueológico de Mangueira — inédito.
- BIGARELLA, João José de Andre de Lima Dardano, Riels Paulo George (1975) — Considerações e aspectos das mudanças palcoambientais na distribuição de algumas espécies vegetais e animais do Brasil. Suplemento Acad. Brasileira de Ciências (suplemento).
- DRYAN Alan Iyle — Early Man in America. Ocasional Paper N.º 1 of the Department of Antropology University of Alberta, Canadá.